

ENTRE MULHERES, HISTÓRIA E LITERATURA: A ESCRITA FEITA POR MULHERES EM FORTALEZA NO SÉCULO XIX.

RÉGIA AGOSTINHO DA SILVA*

A FORTALEZA DO SÉCULO XIX

A cidade de Fortaleza da segunda metade do século XIX viveu dois eventos importantes e que marcaram de forma significativa o perfil da cidade, assim como de seus habitantes.

O primeiro está compreendido na década de 1860 com o crescimento econômico da cidade a partir da exportação do algodão.

Fortaleza alavancada neste período pelo crescimento econômico era uma cidade que construía equipamentos e discursos que visavam explicitar seu “progresso”. Data deste período a criação do Atheneu Cearense, em 08 de janeiro de 1863. Almir Leal de Oliveira considera que é no Atheneu que se formará a elite intelectual de Fortaleza em seu tempo de desenvolvimento econômico na segunda metade do século XIX. Uma elite que irá atuar ativamente na cidade na década de 1880:

O segundo evento profundamente marcante na Fortaleza fim de século, foi a seca de 1877-79. A seca torna-se um ponto de retrocesso para os interesses econômicos e culturais das elites locais. Toda a formação e o discurso de progresso e desenvolvimento seria abalado, mudando de forma significativa o perfil da cidade

A seca de 1877-79 colocou em xeque os discursos e práticas científicas, progressistas, positivistas propagadas pela elite intelectual local, assim como pelo poder público, percebendo-se todos impotentes diante da calamidade. Afinal como falar em progresso em uma cidade que não tinha estruturas mínimas para suportar o período de estiagem? Com a chegada de diversos retirantes vindos do interior do Ceará para Fortaleza, ficou evidenciada a incapacidade dos poderes públicos, das elites intelectuais na resolução de problemas sociais e políticos que emergem com a seca. Quando causa desconforto e tensão, a população pobre passa a ser assunto de pauta. Como apontou

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão. Doutorada em História Econômica da USP. Bolsista Capes.

bem Rodolpho Theófilo, farmacêutico do período e responsável pela vacinação da população pobre contra a varíola no período, os retirantes em Fortaleza deixavam patente a incompetência dos poderes públicos:

Assim expostos a todas intempéries de um clima, que um prolongado verão de 21 meses havia de salubrismo que era, tornando mephtico, depauperados pela deficiência da alimentação e pelas dores morais que lhe abatiam o espírito; vivendo numa promiscuidade de cães dentro de uma esterqueira, não tiveram um só elemento de resistência a opor ao morbos que os atacou, e caíram vitimados aos milhares (THEÓPHILO, 1997, p. 108)

Apesar dos elementos nitidamente higienistas e elitistas na fala de Rodolpho Theófilo, observamos o quanto a cidade se transformara com a presença dos retirantes. Vitimados pela varíola, tornaram-se uma “mazela” social que nenhum discurso progressista, desenvolvimentista e civilizatório poderia ocultar. Os retirantes e a população pobre de Fortaleza passam a incomodar e amedrontar uma cidade que alguns queriam “civilizada”. Seguindo Margarida de Souza Neves:

As multidões anônimas são tumulto na capital mesmo quando silenciadas. São tumulto porque sua presença denuncia um passado colonial e escravista que se quer esquecer. Porque sua cultura , seus hábitos, seus ritmos estão muito distantes dos padrões supostamente parisienses da estética oficial. Porque os pregões que gritam pelas calçadas demonstram que o comércio da cidade não se faz unicamente nas lojas da rua do Ouvidor. Porque ocupam as vielas tortuosas do centro da cidade, como quem ocupa trincheiras de importância estratégica inquestionável numa guerra declarada e desigual. São ‘tumulto’, enfim , porque existem. E por existirem, amedrontam (NEVES, 1994, p. 34)

Mesmo se referindo a cidade do Rio de Janeiro, pensamos que a fala de Margarida Neves caí como uma luva no que diz respeito a percepção que as elites tinham da população pobre, considerada como “classe perigosa”.

Em contrapartida, ao final da seca de 1877-79, a elite intelectual se considerava como expoente na tarefa de reconstituir a cidade, fazendo da década de 1880 o período considerado de maior atividade intelectual em Fortaleza. Surgem várias agremiações literárias e a imprensa passa a ser utilizada como canal de discursos para a reconstrução da cidade.

O papel das elites intelectuais no século XIX tem uma importância fundamental no que diz respeito ao entendimento da sociedade do período. São elas que pensam novos caminhos de gestão da cidade, que bebem da fonte europeia conceitos como o positivismo, o liberalismo, as idéias de abolição da escravatura e modernização. Assim como em outras capitais do país, Fortaleza do século XIX passou a ser envolvida em um discurso civilizatório que combinava os avanços da ciência e a necessidade de educar a população.

Neste sentido, a atividade dos literatos é de fundamental importância. Segundo Nicolau Sevcenko o papel da literatura é crucial para o entendimento da sociedade do século XIX:

Não há dúvidas, pois de que a literatura, graças em grande parte ao carisma prodigioso herdado do romantismo do século XIX, gozava de um prestígio ímpar neste período, soando mesmo como um sinônimo da palavra cultura. Políticos, militares, médicos, advogados, engenheiros, jornalistas ou simples funcionários públicos, todos buscavam na criação poética ou ficcional o prestígio definitivo que só a literatura poderia lhes dar. A Belle Époque foi sem dúvidas a época de ouro da instituição literária, tanto no Brasil, como na Europa e em todo o mundo marcado pelas influência cultural europeia. (SEVCENKO, 1989, p.226)

Este momento de ascensão das Letras, sem sombra de dúvida marcou profundamente a sociedade fim de século fortalezense. O mesmo olhar é, ainda, colocado por Gleudson Passos Cardoso em seu estudo sobre as agremiações literárias cearenses do final do século XIX e início do XX ao perceber a relação desses espaços com a política e com as transformações sociais: (CARDOSO, 2000)

No entanto, a participação das mulheres na “Cidade das Letras” ainda permanece obscura... Estudar as pioneiras, é de certa forma trazer à tona vozes femininas, outras narrativas do passado das mulheres percebidas e concebidas por elas próprias. Estudar as mulheres escritoras é reler a história da literatura cearense no final do século XIX e início do XX, fazendo-se necessário primeiramente adentrar na histórias dessas mulheres que lêem e escrevem.

MULHERES QUE LÊEM

Na certeza de que através da literatura era possível ocupar espaços é que compreenderemos a escrita feminina do período, pois sabemos que eram poucas as mulheres que entravam no âmbito seletivo da literatura, e tomadas apenas como exceções, convergiam para a idéia de não poderem constar entre os grandes nomes da literatura cearense, pois segundo Antônio Sales:

Não tem sido grande- felizmente diria um anti-feminista contumaz- o número de senhoras cearenses que cultivam as letras, pelo menos publicamente. A cearense é por excelência a mulher do lar, a companheira dedicada do homem, a mãe de família que tudo sacrifica por amor de sua gente e pela boa manutenção de sua casa. Não que lhe falte inteligência. Ao contrário: sempre que é posta à prova a mentalidade em nossa terra, se revela vigorosa e apta para ilustrar –se nas ciências e nas artes. Ma em nosso meio e em nosso clima, a mulher é muito feminina para ser feminista, e a família tem uma consistência tão forte que ser a dona de um lar é ainda a suprema e quase exclusiva aspiração de uma moça cearense (...) E há de ainda alguma inteligências femininas brilhantes , mas tão ocultas sob o véu da modéstia, que seria indiscrição arrancá-las ao segredo e à sombra em que se comprazem viver (SALES, 1945, p. 185)

Acreditamos que diferentemente do que pensa Antônio Sales, “viver nas sombras” não é mesmo o objetivo de algumas dessas mulheres, tendo talvez sido alojadas nas sombras e não escolhido este lugar para viver.

Não por acaso a formação secundária, não religiosa, para mulheres no Ceará só ocorrerá a partir da criação da Escola Normal em 1884. É nesse espaço que se formam as primeiras mulheres de Letras do Ceará: Emília Freitas, Francisca Clotilde, Alba Valdez, Ana Facó.

Nesse estabelecimento de ensino são ministradas às meninas aulas de Língua Portuguesa, Língua Francesa, Matemáticas Elementares, Geografia e História, Noções Elementares de Ciências Naturais, Pedagogia e Metodologia. Disciplinas voltadas, como notamos, para a formação de professores do ensino primário, visto a carência que o setor sofria. (MENEZES, 1945)

A maioria das mulheres formadas na Escola Normal atuava na cidade como professoras primárias, profissão então considerada mais adequada às mulheres, naturalizando-se a “aptidão feminina” para educar crianças em escolas primárias como

extensão possível das atividades domésticas. A profissão do magistério primário constituiu-se assim em uma das primeiras atividades fora do lar aceita para as mulheres de classe média. (SAFFIOTI, 1969)

Isso não quer dizer, como nos aponta Zilda Maria Menezes Lima, que a Escola Normal e as normalistas não sofressem preconceitos:

Não é muito difícil compreender as resistências a uma escola que visava formar mão de obra feminina para o mundo do trabalho em educação. Numa época em que as mulheres deveriam pensar em casamentos e filhos, não era interessante estimular espaços para as mulheres no mercado de trabalho, onde teriam que fatalmente abandonar o lar para dedicar-se a profissão. Daí a ambigüidade do papel da Escola Normal numa sociedade que rogava a chegada do progresso e da civilidade, mas não admitia mudanças comportamentais, principalmente se essas mudanças se originassem dos segmentos femininos (LIMA, 1999, p. 37)

Nesse sentido é famoso o trecho de “A Normalista” (1893) de Adolfo Caminha, expondo como a sociedade cearense analisava as normalistas, pelo menos, do ponto de vista de um de seus personagens:

Hoje não há que fiar mais em moças, pobres ou ricas. Todas elas sabem mais do que nós outros. Lêem Zola, estudam anatomia humana e tomam cerveja nos cafés. Então as tais normalistas benzam-as Deus, são verdadeiras doutoras de borla e capelo em negócios de namoros. Sei de uma que foi encontrada pelo professor de história normal a debuxar um grandíssimo falo como todos os seus apetrechos... (CAMINHA, 1999, p. 75)

Existe uma clara conexão colocada entre a aquisição de conhecimentos e a decadência moral, e, sobretudo, uma desconfiança em relação aos conhecimentos adquiridos pelas mulheres. Ler Zola, entender de anatomia humana e tomar cerveja são exemplos de atitudes consideradas inapropriadas para a boa conduta feminina. Como que para se manter “inocente e pura” fosse preciso permanecer na ignorância. Uma mulher sábia provoca temor...

É em Adolfo caminha também que encontraremos uma discussão chave: a vigilância das leituras femininas, obrigando muitas mulheres a ler determinados romances às escondidas:

Ultimamente a Lídia dera-lhe a ler O Primo Basílio recomendando muito cuidado: 'que era um livro obscuro, lesse escondido e havia de gostar muito- imagina um sujeito bilontra, uma espécie de José Pereira, sabe? O José Pereira da Província, sempre muito bem vestido, pastinhas, monóculo...'- Não contes, atalhou Maria, tomando o livro – quero eu mesma ler..Gostaste?- Mas muito! Que linguagem, que observação, que rigor de crítica!...tem um defeito – é escabroso demais. – Onde foste tu descobrir esta maravilha criatura?- É de mamãe, Vi-o na estante, peguei-o , li-o. Maria folheou ao acaso aquela obra –prima , disposta a devorá-la. E com efeito, leu-a de fio a pavio, página por página, linha por linha, palavra por palavra, devagar, demoradamente. Uma noite o padrinho quase a surpreendeu no quarto, deitada, com o romance aberto, á luz d' uma vela. Porque ela só lia O Primo Basílio á noite, no seu misterioso quartinho do meio da casa pegado à sala de jantar. Que regalo todas aquelas cenas da vida burguesa! Toda aquela complicada história do Paraíso!... A primeira entrevista de Basílio com Luísa causou-lhe uma sensação estranha, uma extraordinária super-excitação nervosa; sentiu um como formigueiro nas pernas, titilações em certas partes do corpo, prurido no bico dos seios púberes; o coração batia-lhe apressado, uma nuvem atravessou-lhe os olhos...terminou a leitura cansada, como se tivesse acabado um gozo infinito... E veio-lhe à mente o Zuza; se pudesse ter uma entrevista com o Zuza e fazer de Luísa. Até aquela data só lera romances de José de Alencar, por uma espécie de bairrismo mal entendido, e A Consciência de Heitor Mallot publicada em folhetins na Província. A leitura do Primo Basílio despertou-lhe um interesse extraordinário.- Aquilo é que é romance. A gente parece que está vendo as cousas, que está sentindo...Não compreendia bem certas passagens, pensou em consultar a Lídia; sim, a Campelinho devia saber a história da champagne passada num beijo para a boca de Luíza.- Que porcaria! E assim também a tal 'sensação nova' que Basílio ensinara à amante... Não podia ser coisa muito asseada... Terminada a leitura do último capítulo. Maria sentiu que não fossem dous volumes, três mesmo, muitos volumes..Gostara imensamente! (CAMIINHA, 1999, pó. 27-28)

A personagem que vamos acompanhar em sua prática de leitura é Maria do Carmo, uma “mocinha” filha de retirantes do sertão cearense que fora criada por João da Mata, seu padrinho que no desenrolar da estória acaba seduzindo-a e deflorando-a.

No entanto, o ponto específico que nos interessa sobre o romance é a leitura da protagonista e suas sensações. Como nos apresenta Michel de Certeau:

Antes de serem escritores, fundadores de um espaço próprio, herdeiros dos lavradores de outrora, porém, no solo da linguagem, escavadores de poços e construtores de casas, os leitores são viajantes; circulam por terras alheias, nômades caçando furtivamente pelos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para deles gozar. A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um espaço e multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução. A leitura não se previne contra o desgaste do tempo (esquecemo-nos dele e de nós próprios), ela não conserva ou conserva mal o que adquiriu e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido (CERTEAU, 1994, p. 190)

Por isso, talvez, a leitura fosse considerada perigosa. Espaço de devaneio, linhas paralelas que se cruzam em algum infinito, momento de fuga de uma sociedade eminentemente opressora. Na leitura muitas mulheres poderiam sonhar.

O ponto que podemos entrever é a descrição e todo o cuidado para a leitura do livro “O Primo Basílio” de Eça de Queiroz, considerado obsceno e impróprio para as moças de família. O comportamento da personagem principal Luiza, mulher casada que se envolve com seu primo, é considerado desonesto e que não deveria ser seguido.

A mentalidade da época apontava a mulher como suscetível a muitas influências externas consideradas perniciosas. Era ela que se encantava com os “brilhos e transparências exageradas” da moda; deixava-se levar por uma degradação moral que a modernidade trazia, diziam outros. Também a mulher “ingênua” deixava-se “amassar” pelos bilontras nos bailes modernos; e o pior de tudo, era ela que se deixava envolver pelas “falsas doutrinas”, pelos “sofismas”, pelo “feminismo doentio”. Era preciso vigiá-la e protegê-la. Retirar de seu alcance essas influências pecaminosas, que só serviram

para “transtornar o espírito das incautas”. Por isso Maria do Carmo precisava ler “O Primo Basílio” escondida, na solidão do seu quarto.

Adolfo Caminha fala bem dos mares de sensações que envolvem Maria ao ler “página por página” (...) devagar, demoradamente” o romance, uma “mocinha” e seus devaneios, transgredindo tudo o que era aconselhável.

Outro aspecto que nos chama a atenção é apesar da solidão feminina, no ato de ler, é a socialização da leitura de Maria. De fato, ela leu sozinha, mas era, com a amiga Lídia Campelo, a Campelinho, que tirava dúvidas e compartilhava suas apreensões de leitora. É Campelinho quem lhe explica o ato de passar champanhe de uma boca a outra. É também ela quem lhe apresenta o livro, tomado da estante da mãe, e ao que nos parece, sem que esta soubesse. Como personagens tão díspares quanto Maria do Carmo e- menina vinda do interior, filha de retirantes, recém saída de um colégio de freiras e sem nunca ter namorado e Lídia Campelo, considerada moça namoradeira e filha de uma viúva, que diziam “não se dava ao respeito”- conseguem se solidarizar, serem amigas e encontrar meios de burlar a censura aos livros proibidos e socializar suas experiências de leitura? Quantas Marias e Campelinhos não o fizeram?

Difícilmente poderemos saber se era essa a intenção de Adolfo Caminha ao escrever a passagem, contudo tronou-se a nossa preocupação inferida a partir da leitura de seu livro.

Se existiam leituras perigosas e proibidas também havia aquelas aconselháveis às meninas de família. Pelo menos é o que diz o personagem professor Berredo para as alunas normalistas:

E continuou a falar com a loquacidade de um sacerdote a pregar moral, explicando a vida e costumes dos selvagens da Nova Zelândia, citando Júlio Verne, cujas obras recomendava às normalistas como ‘um precioso tesouro de conhecimentos úteis e agradáveis’- Lessem Júlio Verne nas horas d’ócio, era sempre melhor do que perder tempo com leituras sem proveito, muitas vezes impróprias de uma moça de família. –Vá esperando...murmurou Lídia. ‘- Eu estou certo- dizia Berredo, convicto, - de que as senhoras não lêem livros obscenos, mas refiro-me a esses romances sentimentais que as moças geralmente gostam de ler, umas historiazinhas fúteis de amores galantes, que não ensinam coisa alguma e só servem de transtornar o espírito às incautas... Aposto em como quase todas as senhoras conhecem A

Dama das Camélias, A Luciola...’ Quase todas conheciam . ‘- Entretanto, rigorosamente, são péssimos exemplos...’ Tomou um gole d’água , e continuando: - Nada! As moças devem ler somente o grande Júlio Verne, o propagandista das ciências. Comprem a Viagem ao centro da Terra, Os filhos do capitão Grant e tantos outros romances úteis, e encontrarão neles alta soma de ensinamentos valiosos, de conhecimentos práticos (CAMINHA, 199, p. 66)

“Lessem Júlio Verne”. Qual a intensidade dessas palavras? É preciso que falemos um pouco da literatura de Júlio Verne e do personagem Berredo para contextualizar a sua fala.

Berredo era professor de Geografia da Escola Normal em que Maria e Lídia estudavam. Considerado um excelente mestre por todas as alunas e admirado por Maria, Berredo como muitos professores da época, era um homem de ideais positivistas, inserido no conceito de comprovação e utilidade da ciência. Admirador incontestável de Júlio Verne, escritor famoso por suas histórias de expedições científicas, de descrições de viagens e lugares longínquos e “pitorescos” para a civilização ocidental, para quem tudo que não tivesse ares de França ou Inglaterra era tido como “exótico”. Júlio Verne escrevia uma literatura científica e para o pensamento positivista da época, uma literatura útil. Bastante superior, nesse aspecto, a literatura romântica, como “A Dama das Camélias”, de Alexandre Dumas Filho e “Luciola” de José de Alencar. Isto sem falar da literatura realista de Eça de Queiroz em seu “O Primo Basílio”.

No entanto, não é apenas uma questão de escola literária ou de utilidade científica que desaconselha para Berredo a leitura das obras citadas. “A Dama das Camélias” e “Luciola” narram histórias de prostitutas famosas e ricas que se apaixonaram por rapazes da alta sociedade. Mesmo que os dois romances tenham um final trágico, como de praxe na literatura romântica, o que os colocam como literatura perniciososa é o fato das heroínas serem meretrizes, a pior degradação moral de uma mulher, e ainda se apaixonarem, quebrando a imagem da prostituta apenas como uma mercadoria, incapaz de sentir amor e fadadas à infelicidade. Mesmo que ambas morram no final e não tenham seu sonho de amor realizado, elas vivenciaram fortemente suas paixões. Enfim tudo o que não deveria ser seguido por uma “moça de família”.

É enfrentando todos esses obstáculos á leitura e á escrita feminina que as primeiras mulheres aventuram-se no mundo das Letras no Ceará, a partir da década de 1880.

Se às elites intelectuais interessava imprimir na cidade uma marca civilizatória a partir de pressupostos evolucionistas e progressistas, tencionando dessa maneira levar Fortaleza e o Ceará aos caminhos das nações civilizadas, norteado pelo modelo das nações européias - em particular o francês- às mulheres que adentraram no mundo das letras importava demarcar territórios femininos através da imprensa, dos versos, e das crônicas.

Não é por acaso que algumas delas estão presentes em associações, jornais e agremiações literárias. Por isso, acreditamos ser importante falarmos de algumas delas que atuaram na escrita pública na virada do século XIX e início do XX . Claro que como toda e qualquer seleção esta pequena viagem ao mundo da escrita feminina é limitada, nos atendo apenas àquelas que de uma forma ou de outra se destacaram e, principalmente, seus escritos chegaram até nós: Serafina Rosa Pontes, Alba Valdez, Ana Facó. Deixamos registrado aqui que as duas mais conhecidas que são Emília Freitas e seu “A Rainha do Ignoto” de 1899 e Francisca Clotilde “A Divorciada”, de 1904, não serão analisadas aqui, por que acreditamos que cada uma delas exigiria outros dois artigos. E nosso intuito é de falar daquelas menos conhecidas, se é que podemos dizer que essas mulheres são conhecidas de um grande público, mas acreditamos que Emília Freitas e Francisca Clotilde já foram alvo de vários trabalhos, inclusive o nosso, por isso, preferimos dedicar este artigo as três escritoras que acreditamos menos estudadas e por isso mesmo, menos conhecidas: Serafina Rosa Pontes, Alba Valdez e Ana Facó.

Senhoras e senhores, eis aqui as trajetórias, textos e participação política de nossas três protagonistas.

MULHERES QUE ESCREVEM

A escrita para a nossa sociedade tem um lugar privilegiado. Escrever significa se colocar diante do mundo e comunicar-se com ele. Escrever significa ainda a possibilidade de deixa-se à posteridade. Expor-se. Deixar de estar só no mundo.

Em uma sociedade que negava às mulheres o direito da fala em público, escrever significa já de alguma forma se contrapor à ordem estabelecida; escrever poderia ser em si uma transgressão.

Nega-se à mulher primeiramente a alfabetização, pois ler e principalmente escrever podem propiciar elos de comunicação não desejáveis para uma moça honesta. A mulher que escreve é vista com suspeita, tomada como perigosa traiçoeira e fofoqueira. As correspondências femininas podiam arruinar honras, desorientar o mundo.

Por isso sabemos que essas senhoras enfrentaram uma série de obstáculos que vão além da necessidade da educação para se tornarem ao menos leitoras, mas romper também as portas do mundo da escrita, e mais precisamente da escrita pública. Segundo Marie- Claire Hoock- Demarie:

Saber ler e escrever é um primeiro passo, transposto relativamente depressa, mas as dificuldades começam com a livre escolha da leitura e a reflexão sobre os seus conteúdos. Quanto a investirem pessoalmente na escrita, essa é uma via que poucas ousarão tentar. Mas ler e escrever são também instrumentos da integração das mulheres no mundo moderno; ler implica uma organização social privilegiada com o público, mas ambos engendram formas de sociabilidade no seio das quais se opera uma reflexão das mulheres sobre si mesmas, sobre os meios que lhes são dados para se manifestarem sobre seus modos de expressão específicos e sobre a percepção própria do tempo e do espaço (HOOCK-DEMARLE, 1991, pp. 171-172.)

A partir da descoberta de si mesmas e dos outros, pôde surgir a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade cearense de então. Surge da reflexão a reação e a necessidade de transformar velhos valores, de lutar por espaços de inserção para se fazerem ouvir. Nesse sentido a mulher sábia começa a incomodar. Ainda segundo Marie- Claire:

A mulher sábia inspira medo, é uma 'singularidade', já não é mulher ou então- e isso mais um olhar de homem- é ridícula, um espantinho que provoca em alguns 'arrepios de febre' (...) Enquanto se contenta em embelezar o espírito e colecionar amáveis citações para os seu

álbuns de poesia, uma mulher 'cultivada' é o orgulho de seu novo ou do seu marido. Mas se procura enriquecer os seus conhecimentos, se analisa o conteúdo das suas leituras, se as confronta com as realidades que a rodeiam, logo o espectro da mulher erudita regressa. (HOOCK-DEMARLE, 1991, p.179)

Na medida em que as mulheres se encontram com a leitura e com a escrita vão pouco a pouco se descobrindo, estabelecendo relações umas com as outras, pensando sua própria condição de leitora-escritora, deixando claro que também querem ser ouvidas e que têm muito a dizer.

Perseguir, portanto, o itinerário dessas três escritoras cearenses: Serafina Rosa Pontes, Alba Valdez e Ana Facó, pode nos ajudar a entender muito de suas falas, como também a atuação política-escrita dessas mulheres.

Também nos permite responder a pergunta que Michelle Perrot nos coloca:

Ainda mais do que o espaço material, é a palavra e a sua circulação que modelam a esfera pública. Na hora da Revolução, Olympe de Gouges não se engana quando declara: 'A mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela também deve ter o direito de subir a tribuna!'. A idéia de que a natureza das mulheres as destine ao silêncio e à obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas. Restritas ao espaço privado, no melhor dos casos ao espaço dos salões mundanos, as mulheres permaneceram durante muito tempo excluídas da palavra pública. A opinião revela-se, no entanto, cada vez mais decisiva na constituição e no funcionamento da democracia. Sem o poder, como as mulheres ganharam influência nas redes durante muito tempo dominadas pelo homens? Primeiro pela correspondência depois pela literatura e, por fim pela imprensa. Ainda que permaneçam restritas a tarefas subalternas, elas se inseriram em todas as formas de escrito. Conseguiram elas passar do oculto, que lhes é permitido, à visibilidade que lhes é contestada? (PERROT, 1998, p.57.)

Na verdade, procurar o espaço das mulheres na literatura do século XIX é um trabalho fundamental para que possamos entender afinal “o que querem as mulheres?” e se elas adquiriam a visibilidade que Michelle Perrot indaga.

Mais do que saber se conseguiram ou não, o que nos interessa é seguir suas trajetórias e lutas pela inserção no mundo público. Algo nos diz que de uma forma ou de outra elas estão historicamente ligadas pela profissão, trajetória, e temporalidade, escrevendo em um período em que muitas ficaram caladas. No fundo, seguir suas vidas é também descobrir um pouco do mundo das mulheres do século XIX. E é nessa perspectiva que vida e obra entram em cena nesse estudo, tomando três escritoras: Serafina Rosa Pontes, Alba Valdez e Ana Facó.

SERAFINA ROSA PONTES

Serafina Rosa Pontes nasceu no rio de Janeiro em 7 de outubro em 1850, e mudou-se para Fortaleza em 1873, depois de uma infância infeliz por ser filha natural, foi adotada pela família do médico cearense Francisco Alves Pontes. Serafina foi abandonada pela mãe biológica e nunca chegou a conhecer o pai também. Sofreu também uma quase total cegueira. Publicou um único livro chamado “Livro da Alma” em 1894 (DUARTE, 2000) Essa vida trágica, acreditamos, acabou por influenciar sua escolha literária. Todas as suas poesias estavam nitidamente marcadas pela tristeza e melancolia.

Como já afirmamos, publicou um único livro, na verdade uma coletânea de poesias, prefaciado por Francisca Clotilde, sua amiga, com quem dividiu não só a escola Romântica, como também os ideários abolicionistas e cristãos, tão presentes na obra de ambas.

Como perceberemos a análise que Serafina faz da própria vida é muito trágica e sem perspectivas. Talvez a poesia funcionasse como uma válvula de escape para a frustração que sentia. A trajetória de sua vida é descrita em seus versos do “Livro da Alma”:

*Foi no Rio de Janeiro/Ia o século em meio então/Era em casa de um
viúvo/Creio que tabelião/Uma donzela estrangeira/Fora ser a
companheira/De três crianças gentis;/E o pai destas crianças/Dela
fez uma infeliz/Um dia a desaventurosa/Sentiu que estava pejada/Sem
saber o que fizesse/Ficou tão envergonhada/Que deixou a
residência/Onde perdera a inocência/Maldizendo a sua sina/Andou*

*por casas estranhas/Sofrendo dores tamanhas/Té que teve uma
menina/Ai! Pobre desgraçadinha,/Melhor fora morrer/Para que viera
ao mundo/Para tantas dores sofrer/Logo aos três meses de idade/Sua
mãe sem piedade/Dela separou-se...Ai!/E assim desventurada/Bem
distante foi criada/Dos seus irmãos, mãe e pai/Depois de uma
enfermidade/Fê-la cega, coitadinha!/Oh! Quantos padecimentos/Para
uma inocentinha/Sem conhecer seus parentes/Sem vê-los, queridos
entes,/Que lhe serviam de pais;/Sem poder aprender nada/Ah! Que
vida malfada/É padecer por demais!(PONTES, 2000, pp. 455-457)*

Sua poesia, no entanto, não se limitou apenas a análise trágica de sua própria vida. Preocupou-se na construção de uma poesia enquanto forma de reação tratando do tema abolicionista em seus versos:

*Meu Deus, conceidei-me vida/Pr'a ter satisfação/De ver no Brasil
extinta/A nódoa da escravidão/E tu, oh! Escravocrata/Deixa de trocar
por prata/O teu ditoso irmão/Deus quer a fraternidade/Termina a
desigualdade/Da brasileira nação!(PONTES, 200, p. 467)*

Serafina teve vida para o ver o fim oficial da escravidão no Brasil, em 1888. Ser abolicionista nesse período mais do que uma característica em comum das escritoras aqui em estudo, era quase premissa das pessoas ligadas ao movimento intelectual no país, já que o pensamento liberal, iluminista, positivista, percebia a escravidão como um atraso no caminhos para o progresso e a civilização. Por isso, o tema abolicionista era uma constante na época e abandonar a escravidão um passaporte para o progresso e para o adiantamento intelectual, pelo menos no prisma das literatas aqui estudadas. E Serafina Pontes não foge à regra lutando pela abolição da escravidão.

Essa relação com a poesia enquanto fonte de alívio da tristeza e combate por ideais pode muito bem ser resumida pela própria Serafina em seu poema “Ao som da flauta”, deixando clara a importância da poesia em sua vida malfadada:

*Porque motivo/A poesia/Não concretiza seu ideal?/Qual do poeta/Seu
mesto fadal/É desditado, Sorte fatal!(...)No entretanto/A minha
lira/Geme e suspira/Ai! Sem cessar!/Amo deveras/A poesia/Ela*

alivia/O meu penar/Sincera amiga/Oh! Poesia/És minha guia/Meu doce amor/Eu te prometo/Jamais deixar-te/Sempre adorar-te/Com nímio ardor(PONTES, 2000, p. 468)

ALBA VALDEZ

Maria Rodrigues, conhecida pelo pseudônimo de Alba Valdez fundou no Ceará a primeira agremiação literária feminina do país, a Liga Feminina Cearense em 1904. Pouco sabemos sobre a Liga, a não ser que era constituída pela seguinte diretoria: Alba Valdez como presidenta,; a vice- presidência com Maria A. F. Portugal; ocupando a primeira e segunda secretárias, respectivamente, Aurelinda Simões, e Olga Alencar e finalmente Amélia Alencar na tesouraria e Júlia Moura como oradora. (BARREIRA, 1962)

É significativa a criação da Liga como a primeira tentativa organizada de inserção das mulheres no restrito mundo das Letras. Se não havia espaço nas seletas academias literárias ocupadas em sua maior parte por homens. Alba resolve fundar uma academia feminina, numa atitude evidentemente política.

Alba Valdez nascida em Uruburutema em 12 de dezembro de 1874, veio aos treze anos, para Fortaleza onde estudou na Escola Normal, diplomando-se em 1889, aos dezesseis anos.

Participa de agremiações literárias cearenses como “Centro Literário”, “Boêmia Literária” e “Iracema Literária”. Toma posse em 1936 no Instituto do Ceará sendo ainda a primeira mulher a ter uma cadeira na Academia Cearense de letras. Leciona também na Escola Normal (BARREIRA, 1962)

Alba destacou-se mais pelo trabalho em periódicos, constando a maior parte de sua obra de textos, crônicas, contos e poesias. Embora não tendo concluído nenhum romance, sua luta pela aceitação do elemento feminino no mundo da escrita foi uma constante em seu trabalho. Em 1930, Alba escreve no “Jornal do Comércio” de Fortaleza um importante texto intitulado “De Pé”, no qual fala sobre a exclusão do elemento feminino na Academia Cearense de Letras, da qual havia participado em 1922 e fora excluída na nova fase de 1930. Infelizmente do texto só temos referências bibliográficas e nenhum exemplar do “Jornal do Comércio” de maio de 1930 foi por nós encontrado.

Alba dedicou boa parte de seu trabalho em falar da condição feminina no mundo das Letras. Em seu discurso pela comemoração do cinquentenário do Instituto do Ceará em 1937, não perdeu a oportunidade de falar dos obstáculos enfrentados pelas mulheres:

Aprendia sobre o Brasil a superioridade que gozam sobre os outros países do mundo, riqueza na fauna, flora e minérios, extensão magnífica de terra e mais significativa a das praias. Habitava-se a amar o Brasil pelo que ouvia e não pelo que sentia. Foi nesse ambiente, quando a mulher era mais mimada do que realista, quando pouco se comentava a bravura de Bárbara de Alencar nos idos de 1817, proclamando a República no Crato, aderindo ao movimento de Pernambuco, que fracassou. A bravura de Jovita Alves Feitosa, notabilizando-se na guerra contra os paraguaios. A bravura de Maria Tomásia Filgueiras Lima, heroicamente batalhando pelo movimento abolicionista. A mulher cearense do fim do século dezenove vivia naquele círculo fechado e compressor da família. Numa sociedade receosa de escândalo diante de tantos preconceitos, tendo ainda o pai da família, na figura patriarcal e temida. O chefe que fechava o seu clã dentro dos limites de uma conveniência exagerada e artificial, tendo, como principal efeito desse rigor, o irrealismo da formação de suas filhas. A leitura da jovem era vigiada com severidade, assim sendo perdia ela grande parte do interesse por um prolongamento. As prendas domésticas sabiam-se quase todas. Tocava piano, cantava e enfeitava-se. As moças liam Olavo Bilac, Escrich, George Ohnet e as poesias de Cassemiro de Abreu e Castro Alves (VALDEZ, 1971, p. 486)

Alba apresenta os limites enfrentados por muitas mulheres para adquirirem a educação e a partir dela prolongarem os estudos e os campos de visão. Mesmo quando tinham acesso á educação, essa era vigiada e limitada no sentido de preparar as meninas para serem apenas boas mães e donas de casa. Nesse sentido as leituras deviam se concentrar no âmbito da poesia romântica e mesmo assim com muito cuidado, porque como afirma Marie- Claire Hooock –Demarle “ ler é sonhar, portanto evadir-se, portanto escapar às contingências, as normas e às convenções; é fazer exatamente o contrário do que é permitido a uma mulher na (boa) sociedade do século XIX”(HOOCK-DEMARLE, 1991, p. 181)

Se a leitura já era vista com tanta ressalva, imagine-se a formação de mulheres intelectuais que definitivamente não era uma premissa a ser atingida quando pensava-se em educar as meninas.

Alba Valdez falece em 1962, com 88 anos dedicados à luta pelo reconhecimento das mulheres enquanto seres pensantes e capazes de exercerem atividades intelectuais.

ANA FACÓ

Nascida em Beberibe, Ceará, em 1855, Ana Facó atuou como educadora, romancista, poetisa e contista em Fortaleza. Filha de uma família de quinze irmãos. Ana inicia seus estudos com aulas particulares da professora Carolina Pereira Ibiapina em Cascavel, ceará, em 1869. Em 1885 começa a freqüentar a Escola Normal em Fortaleza, diplomando-se já em 1887. Ana inicia sua carreira profissional no Ginásio Cearense, sendo logo após convidada para o cargo de professora auxiliar na Escola Normal.

Como já dissemos a profissão de professora era uma das poucas consideradas compatíveis com as mulheres. Até pela noção de que a função principal da mulher era procriar e educar filhos, exercer o magistério na educação de crianças seria a continuação previsível de uma tarefa já tomada como feminina. Se as mulheres poderiam ser boas mães, não era de se estranhar que pudessem ser excelentes professoras e educadoras. Claro que essa relação se estabeleceu como fruto de uma árdua luta. Foi preciso romper com os preconceitos para que as mulheres pudessem estudar a atuar no magistério. De uma determinada maneira a instalação da escola Normal em Fortaleza propiciou a entrada de muitas mulheres no magistério e este foi o caso de Ana Facó que como apontou Maria Geraldina Amaral “foi antes de tudo uma educadora” (AMARAL, 1971, p. 71)

Ana Facó em sua atividade de professora foi convidada para ser diretora do primeiro Grupo Escolar de Fortaleza, em 12 de julho de 1907, cargo que exerceu até aposentar-se em 1913.

Em 1907 publica no “Jornal do Ceará”, sob o pseudônimo de Nitio-Abá, segundo a própria autora, significava “ninguém”, o romance “Rapto Jocos”, em formato de folhetim, O romance trata de uma história de amor entre Dunamira, moça sertaneja de uma família pobre e Reinaldo, também proveniente de uma família

humilde. No desenvolvimento da narrativa surge outro pretendente a mão de Dunamira, Antônio, bem mais velho do que ela, mas com mais recursos financeiros do que Reinaldo. No entanto, Dunamira prefere a juventude e o amor de Reinaldo, desprezando Antônio. Inconformado, acaba raptado-a com o consentimento dos pais de Dunamira, que viam nesse casamento muitas vantagens financeiras para a família inteira. No final, Dunamira conforma-se e se casa, afirmando que está feliz no casamento. Reinaldo, por sua vez, casa-se com outra moça.

Apesar do caráter nitidamente conservador da narrativa na qual a protagonista rende-se à vontade da família às conveniências econômicas e sociais, existem momentos no romance em que flagramos a tensão de Dunamira em fugir do casamento contraído após ter sido raptada por Antônio. Essa prática foi muitas vezes utilizada no Ceará por parte dos enamorados como uma espécie de reação ao casamento não consentido. Uma moça de família uma vez raptada caía imediatamente “na boca do povo” e ninguém mais acreditaria na sua “pureza”. E “pureza” significava virgindade, pré-requisito básico para um bom casamento, continuação da família, direito à herança e garantia para o homem de posse única da mulher. Então a única alternativa viável para a família de uma moça raptada era consentir o casamento, remediando com a isso a possibilidade de má fama. De qualquer forma uma mulher nessas condições estava irremediavelmente “perdida” na perspectiva de um melhor casamento, ou de qualquer casamento, se não fosse com aquele que a tivesse raptado.

No caso atípico de Dunamira, a família já consentira antecipadamente pelo fato de concordar com o casamento. Todavia para Antônio era difícil convencer Dunamira. Pelo diálogo que se segue podemos perceber o embate entre os dois:

*-Quero que me digas por que não devo mais querer-me casar-me(...)
Só tu é que me achas velho assim. – Só me casarei com o senhor
quando as galinhas criarem dentes. – Não digas tal asneira. Lembras-te que, se casares comigo, terás tudo o que precisares; terás mais: tudo quanto quiseste. – Estou satisfeita com o que tenho. – Se te casares comigo, não hás de trabalhar como trabalhas agora. – Ave Maria! Viver sem trabalhar? Não eu (...) – Não te sejas ingrata! Se te casares comigo, não terás um marido, mas um escravo, que te há de obedecer sempre, que viverá somente para ti, que fará somente o que quiseres.- Não faço empenho de escravos, e muito menos de um a quem devo obedecer (FACÓ, 1937, sem paginação)*

Não apenas Dunamira não é convencida pelo poder do dinheiro, como também sabe muito bem das obrigações das mulheres para com os seus maridos. Mesmo com a perspectiva de ter “um escravo”, Dunamira não se deixa render. Como poderia ter um escravo se deveria servi-lo? Estranho paradoxo ao qual Dunamira tinha verdadeira repulsa, ou por achar Antônio mentiroso, o que era provável, ou por simplesmente não amá-lo, o que de fato acontecia.

Nessa passagem Ana Facó deixa explícito seu olhar progressista a cerca da sociedade. Dentro da lógica da necessidade do trabalho, a autora defende a idéia da atuação das mulheres fora do lar como uma maneira de adquirirem certa independência. Contudo, na classe social a que Dunamira pertencia, sertaneja pobre, trabalhar era algo comum para as mulheres.

De qualquer forma Dunamira acaba sendo vencida pelas circunstâncias e pelas convenções sociais, resignando-se assim a um casamento inicialmente sem amor.

Ana Facó ainda publica outro romance intitulado “Nuvens”, em 1907, que aparece primeiramente como folhetim no “Jornal do Ceará”. Os dois romances só foram publicados em formato de livro depois da morte de Ana Facó, já no final da década de 1930, oito anos depois de sua morte, em 1922 com 67 anos.

Ana ainda escreve “Minha Palmatória”, “Comédias e canções”, livros para crianças e um livro de memórias intitulado “Páginas Íntimas”.

Assim como outras de seu período e suas conterrâneas, Emília Freitas e Francisca Clotilde, Ana Facó desculpava-se pelo que escrevia. Há três hipóteses para justificar essa atitude: a primeira, certa falsa modéstia; a segunda, um estilo literário próprio da época; a terceira, e a que nós julgamos mais viável, a clareza de que escrever e se colocar em público é uma tarefa difícil, principalmente para mulheres daquele período. Depois de décadas silenciadas, falar em público exigia coragem e astúcia, e pedir desculpas talvez fosse uma forma de se resguardar das críticas que pudessem por ventura aparecer:

*São meus cantos enleados/Como as virgens aos agrados/Do ente que
mais amar/São sem arte e poesia/Mas talvez..talvez um dia/Melhor eu
possa cantar.(FACÓ, 2000, p. 748)*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARROSO, Olga Monte. **Quem são elas**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará-IOCE, 1992,
- CAVALCANTE, Alcilene. **Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas. (1855-1908)**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2008.
- CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. São Paulo: Ática, 1997.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994
- COLARES, Otacílio. **Lembrados e Esquecidos**, 6 volumes. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1975,
- FREITAS, Emilia. **Canções do lar**. Poesias. Fortaleza: Tipografia Rio Branco, 1891
- _____. **A rainha do ignoto**. Romance psicológico. Fortaleza: Tipografia Universal, 1899.
- _____. **A rainha do ignoto**. Romance psicológico. 2 ed. Pesquisa, organização, atualização ortográfica, apresentação crítica e notas por Otacílio Colares. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, Imprensa Oficial do Ceará, 1980
- _____. **A rainha do ignoto**. Romance psicológico. 3 ed. Atualização do texto, introdução e notas de Constância Lima Duarte. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003
- _____. Discurso de instalação solene da Sociedade das Cearenses Libertadoras. In: CUNHA, Maryse Weyne. Emília Freitas. In: **Mulheres do Brasil: pensamento e ação**. 3º v. Fortaleza: Secretária de Cultura e Desporto, 1986, pp. 296-297
- GALENO, Henriqueta (org.) **Mulheres do Brasil**. 5 volumes. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971
- LIMA, Zilda Maria de Menezes. **Mulheres de romance: perfis femininos da cidade de Fortaleza (1880-1900)** Dissertação de mestrado: UFPE, 1999.
- MENEZES, Djacir. “A educação no Ceará: repasse histórico-social (das origens coloniais a 1930)” In: GIRÃO, Raimundo e FILHO, Antônio Martins. (org.) **O Ceará**. 2ª Ed. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1945.
- MONTENEGRO, Abelardo. **O romance cearense**. Fortaleza: Ed. A. Batista Fontenele (tip. Royal), 1953
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Livraria Quatro Artes Editora, 1969.
- SALES, Antônio. “História da Literatura Cearense”. In: GIRÃO, Raimundo e FILHO, Antônio Martins (org.) **O Ceará**. 2ª Ed. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1945
- SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**. São Paulo: EDUSP, 1997,
- SOUZA, Robério Américo de. **Fortaleza e a “nova fé”: A inserção do protestantismo na capital cearense (1882-1915)**. São Paulo: Dissertação de mestrado, PUC, 2001.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In MUZART, Z. L. (org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

HOOCK-DEMARLE, Marie- Claire. “Ler e escrever na Alemanha” In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (org.) **História das Mulheres no Ocidente. O século XIX**. Vol.4. São Paulo: EBRADIL, 1991, pp.171-172.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.